

Reflexões sobre o excesso de preocupação da mulher com o seu papel de mãe

Alberto Alves de Amorim¹, Tainara Silva Macêdo², Thaline Cristina de Freitas Souza³ e

Viviane Eloíza Fornari⁴

¹⁻⁴ Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Nota sobre os autores

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores desse artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas, por meio dos endereços de e-mail alberto12345@gmail.com, tainarasilva108@gmail.com, thalinecristina1999@gmail.com e/ou vivianefornari@hotmail.com.

Resumo

A temática deste trabalho está centrada nas reflexões sobre o excesso de preocupação da mulher com o seu papel de mãe, visto que a maternidade promove e determina mudanças substanciais, isso tendo em vista principalmente o contexto histórico patriarcalista. Logo, o presente artigo contribui para uma maior compreensão acerca da sobrecarga sofrida pelas mulheres, principalmente no que condiz a criação dos filhos e ao cuidado da casa. Objetivou-se refletir sobre o excesso de preocupação da mulher com a maternidade, bem como descrever a relação entre o papel da mãe contemporânea e o foco e preocupação desta sobre as demandas da casa e filhos. Além disso, pretendeu-se identificar ainda as características de ações superprotetoras e do controle excessivo que a mãe exerce sobre os filhos, assim como descrever a compatibilidade entre as responsabilidades que a mãe assume

para com a casa e os filhos e o papel estereotipado da maternidade. Partindo disso, o material utilizado na análise foi o filme *Minha Mãe é Uma Peça* (2013), desse modo cenas foram escolhidas e, então, descreveu-se o comportamento dos personagens e o contexto, após isso realizaram-se análises correlacionando o visto com as categorias de comportamento definidas. Diante do obtido, concluiu-se que muitas responsabilidades são conferidas a quem exerce o papel de mãe, tudo isso sob um forte estigma de “boa mãe”, o que afeta diretamente essas, mudando-as e tornando-as demasiadamente preocupadas com a sua função para com os filhos e demandas da casa.

Palavras-chaves: mãe; maternidade; estigma; responsabilidade; patriarcalismo.

Introdução

A experiência da maternidade modifica a vida das mulheres em vários sentidos. Essas mudanças ocorrem, principalmente, pelas diretrizes da sociedade patriarcal e machista, que normatizam a sobrecarga do papel das mulheres na criação dos filhos, contribuindo para as mesmas deixarem em segundo plano suas vidas sociais e profissionais para atenderem as demandas da criança (Rapoport & Piccinini, 2006). Nessas circunstâncias, é possível perceber transformações psíquicas em mulheres durante o processo de se tornarem mães, decorrentes de estereótipos daquilo que seria considerado a “mãe perfeita” ou da ideologia de maternidade como a maior plenitude que uma mulher pode alcançar (Azevedo, 2017; Folino, 2014).

Estudos mostram que historicamente a cultura ocidental colocou a mulher como um ser dependente do marido e sem quaisquer direitos. Segundo D’Ávila Neto (1980), “a mulher do senhor se limitava à sua vida familiar, à procriação dos filhos e aos contatos com os escravos e amas, aos parentes e, por vezes, aos padres” (p. 36). Em outras palavras, encontrava-se sempre submetida aos interesses do patriarca. O conhecimento sobre a

construção histórica social da mulher e da sua subjetividade é importante para entender o porquê o mesmo se reduz a maternidade, uma vez que, a cultura é parte importante para o sujeito compreender a maneira de organizar seu pensamento, suas relações interpessoais, seus ideais e sua forma de perceber o mundo (Boris & Cesídio, 2007).

Dessa forma, compreende-se que os indivíduos estão sempre se definindo diante de uma realidade histórica das relações sociais (Farias, 2014). Diante disso, é possível entender que o sujeito - neste caso a mulher, tem a participação da construção de uma realidade percebida, representada e interpretada por seus atores - que está de certa forma presente quando se nasce e, portanto, constrói este em sua subjetividade.

Os escritos de Simone de Beauvoir, ativista feminista, apresentavam reflexões acerca da maternidade ser entendida como determinismo biológico e perdurável das mulheres. Tais reflexões contribuíram para a compreensão da maternidade como construção sócio-histórica, cultural e política, determinando que o lugar das mulheres na sociedade seria como dona de casa e cuidadora dos filhos (Scavone, 2001). Além disso, esta delimitação imposta às mulheres, de seguirem os papéis exigidos pelos valores da sociedade, representa um mecanismo de dominação do sexo masculino sobre o feminino de modo que, a função paterna não tem o mesmo peso que a materna, a mulher que deixa seus filhos sob o encargo do pai, é interpretada como irresponsável e preguiçosa (Badinter 1980; Scavone, 2001).

Existe uma ambiguidade de discursos sobre a função que a mulher deve exercer. Enquanto há a narrativa de que a mãe precisa dar atenção integral aos seus filhos, deixando de lado carreira e vida pessoal, na contemporaneidade, esta se depara com alguns conflitos. Em primeiro lugar, a maioria das mulheres do século XXI estão inseridas no mercado de trabalho, o ditado de “ser boa em tudo sem renunciar a nada” infere uma culpabilidade dupla a estas mulheres por não deixarem sua vida profissional de lado em virtude dos filhos ou por

escolherem se dedicar somente a criação destes, desconsiderando suas subjetividades (Marcello, 2005).

Nesse sentido, Halasi (2018), afirma que o tornar-se mãe inclui um luto de si, a constante romantização da maternidade, reforçada tanto pela sociedade quanto pela mídia, origina esse propósito de “dar conta de tudo”, trazendo prejuízos no âmbito social e emocional para aquelas que não correspondem às expectativas do que foi imposto como o papel social da mulher.

Com toda a opressão exercida sobre a mulher, seu papel social é reorganizado e ela será definida, em primeiro lugar, como mãe. A mudança na concepção social das mulheres, ao se tornarem mães, direciona a subjetividade destas para a maternidade e todos os requisitos que, segundo as representações sociais, elas devem seguir (Cozer 2013; Tourinho, 2006). Nesse contexto, emerge um conflito relacionado às idealizações citadas anteriormente, a mulher se crucifica todas as vezes que decide em prol de si mesma, estabelecendo uma convivência com o sentimento de culpa (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

A mulher contemporânea, mesmo tendo em vista as contrariedades impostas pelo sistema, sobretudo em relação a desigualdade de gênero, vem conseguindo cada vez mais espaço no mundo profissional e maior visibilidade na sociedade. Todavia, ainda há vários estereótipos e idealizações da imagem da mulher, aos quais, infelizmente está correlacionada a imagem da mulher “dona de casa”, algo comum na vida das mulheres, em especial por volta do século XX - nessa época, a mulher se dedica unicamente a educação dos filhos e as responsabilidades da casa. Qualquer outra atribuição que fuja dessa “normalidade” é terminantemente proibida, sendo que os homens são responsáveis pelo sustento da casa (Carneiro & Daróz, 2017).

Atualmente, surge o conceito de ‘terceira mulher’, criado por Lipovetsky (2000), num cenário em que a mulher une em sua essência a figura materna e profissional. Logo, seria

uma definição que caracteriza mulheres que conciliam trabalho, casamento e criação dos filhos. Nesse sentido, sobrepõe-se a figura simplesmente de “mulher do lar”, aferindo assim a busca por um lugar de igualdade (Arteiro, 2017).

Portanto, evidencia-se que a sociedade admite outra identidade às mulheres que se tornam mães, invalidando alguns de seus interesses e valores pessoais neste processo. Faz-se assim necessárias reformulações desses papéis sociais, na medida que estes diminuem o domínio subjetivo das mulheres, acarretando danos emocionais.

Analisar a experiência materna é importante por ser um processo psicossocial que apresenta, muitas vezes, uma sobrecarga para as mulheres nas atribuições. Com o fenômeno da separação, mudanças de ordem subjetiva e social afetam majoritariamente as mulheres que reformulam suas rotinas e conciliam suas necessidades emocionais com as necessidades para o desenvolvimento dos filhos. Sobre a responsabilidade legal, há uma divisão da guarda dos filhos, mas, na prática, a predominância ainda é direcionada à mãe (Lamela et al., 2010). Torna-se de relevância social discutir sobre como a mulher tem sua subjetividade afetada, dado que a compreensão da maternidade como uma totalidade ao invés de um evento isolado na vida da mulher, evitaria os conflitos psicológicos e sociais (Machado et al., 2020).

É importante ressaltar que antes de seguir com a escolha de ser mãe, existe uma mulher, que tem a sua individualidade, sua construção como um sujeito social e seu desenvolvimento como indivíduo tendo um eu ideal e o ideal do eu, o qual a partir de uma análise psicanalítica pode-se explicar pelo narcisismo.

Desse modo, assim como citado em Barroso (2012), Freud em (1914/1996) “Sobre o narcisismo” explica que:

O ser humano antes de sua constituição como um sujeito, existiria um momento inicial chamado de “auto-erotismo”, o qual marca o surgimento da pulsão que parte de um desvio do instinto. O movimento pulsional, nesse momento, seria ainda anárquico, uma vez que não haveria imagem unificada do corpo sobre a qual pudesse investir de modo sistemático. O eu, na verdade, teria sua constituição intrinsecamente ligada a esse investimento libidinal das pulsões que coexistem na fase auto-erótica e que então

se unificam. Tem-se nesse segundo momento o que Freud (1914/1996) nomeia “narcisismo primário”, estado precoce em que a criança investe em si e que prepara terreno para o “narcisismo secundário”, quando a pulsão já é endereçada aos objetos, mas retorna sucessivamente ao eu. (pp. 152-153)

Entende-se pelo narcisismo que desde o desenvolvimento infantil, o sujeito como um todo se constitui na sua subjetividade do “ser tudo” para o outro, sendo neste primeiro momento a construção subjetiva fundamental de um ser humano. Na vida adulta o indivíduo constitui o seu eu pelas enunciações, juízos de valor, pelas declarações de preferências ou rejeições, tornando para si a imagem do eu ideal, sobre suas perfeições do amor de si mesmo que gozou na infância do seu eu real. Ao iniciar a vida materna, surge o ideal do eu, o qual manifesta-se a imagem idealizada do eu, onde o indivíduo tem a imagem refletida do seu próprio corpo, essa imagem é constituída em sua totalidade pelos pais, que projetam nos filhos, retornando ao narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade e meio social no qual vivem. Com isso, entende-se que a maternidade não advém do natural da mulher pelo simples fato de ela ser mulher, e sim pelo constructo social no qual ela vive. Da mesma forma que, quando se segue com a escolha de ser mãe, outros fatores como as exigências impostas a figura materna, as responsabilidades, a sobrecarga de uma mulher que cria os filhos sozinhos, contribui para a ausência do cuidado sobre a sua própria subjetividade (Garcia-Roza, 1995).

Desse modo, o presente artigo visa, como objetivo geral, refletir sobre o excesso de preocupação da mulher com a maternidade e, como objetivos específicos, descrever a relação entre o papel da mãe contemporânea e o foco e preocupação desta sobre as demandas da casa e filhos; como também identificar características de ações superprotetoras e do controle excessivo que a mãe exerce sobre os filhos e descrever a compatibilidade entre as responsabilidades que a mãe assume para com a casa e os filhos e o papel estereotipado da maternidade.

Método

Descrição do material utilizado para análise

Para o desenvolvimento deste artigo foi analisado o longa-metragem *Minha Mãe é Uma Peça*, uma produção brasileira aclamada pela participação do dileto Paulo Gustavo no roteiro e na atuação. A obra conta a história de Dona Hermínia, mãe de três filhos, mulher, dona de casa e divorciada. Escolheu-se quatro cenas específicas do filme para analisar as situações, diálogos e circunstâncias que nos permitam refletir com objetividade sobre questões contemporâneas importantes, as relações familiares e os comportamentos dos personagens. Desse modo, tem-se como tempos optados – em ordem de descrição – os seguintes: 00:04:18, 1:15:46, 00:53:02 e 00:08:31.

Ademais, através de uma peça teatral de mesmo nome originou-se o filme, sendo a peça também escrita por Paulo Gustavo, o qual inspirou-se em sua relação com sua mãe e, de certa forma, configura uma homenagem a ela. O principal roteirista do filme - Paulo - participou do programa *Mais Você*, da Rede Globo, em 2019, que é apresentado por Ana Maria Braga e contou um pouco sobre como surgiu a personagem Dona Hermínia:

“Me formei, fiz minha primeira peça com Fábio Porchat, mas, de público, não deu certo. Um dia teve um espetáculo em Niterói e a Samantha Schmütz falou para imitar minha mãe. Coloquei um bob na cabeça, peguei uma vassoura e comprei um vestido. Vi que deu certo. Quando fui ver, era o *Minha Mãe É Uma Peça*”.

Nesse sentido, foi lançado em 21 de julho de 2013, produzido pela Migdal Filmes pertencente ao gênero de comédia, com cerca de 1h25min de duração e recomendado à faixa etária superior a 12 anos. Com a direção de André Pellenz, configurou recorde nacional absoluto de bilheteria, atingindo a marca memorável de 2 milhões de espectadores nos cinemas em sua terceira semana de exibição, tendo sido o filme mais assistido no Brasil no ano de 2013.

A história do filme, poderia se passar em qualquer lugar do mundo - como diz no início do filme - mas acontece em Niterói, onde vivem cerca de 500 mil habitantes, localizado no Rio De Janeiro. A cada cena, passamos a acompanhar a trajetória de Dona Hermínia, uma mãe "zelosa" com os filhos, que ao decorrer do filme reflete sobre sua relação, falas e atitudes com os filhos e vice-versa. Por exemplo, ela não esperava um dia ouvir dos próprios filhos que ela é uma mãe chata, a partir daí ela considera que seu papel como mãe acompanha um enorme peso.

Minha Mãe é Uma Peça, possibilita ver a mulher na atualidade, as relações afetivas dentro e fora ambiente familiar em seus respectivos arranjos e desdobramentos sob as atribuições referentes às implicações que são impostas à mulher na sociedade. Por conseguinte, o filme exige que o espectador tenha senso crítico e responsabilidade para refletir sobre questões relacionadas a sobrecarga entre o papel da mulher - aquele que é aceito e considerado padrão - e sua relação a maternidade, por meio disso passamos a entender as relações dos personagens, como se organizam e a discussão dos padrões comportamentais apresentados na obra de Paulo Gustavo.

Participantes

Dona Hermínia: Mulher, branca, de corpo midsize, olhos verdes, cabelo castanho claro com corte rente aos ombros, sendo que na maior parte do tempo este está enrolado nos bobes, às vezes até encontra-se o cabelo com os bobes cobertos por um bandana. Sua altura é aproximadamente 1,70m. Ela é a protagonista do filme, caracterizada ainda por ser divorciada e mãe de três filhos: Garib, Juliano e Marcelina.

Garib: O primeiro filho de Dona Hermínia. Homem, branco, alto, de cabelo curto marrom escuro e olhos castanhos. Casou-se cedo e com a esposa mudou-se para Brasília. Ele possui agora uma clínica veterinária. Este personagem é caracterizado no filme como “certinho” e muito amoroso.

Juliano: É o segundo filho de Hermínia, branco, magro, de cabelo preto curto, de olhos castanhos escuros e com aproximadamente 1,68m de altura. Ele adora dançar e possui um namorado. Sua orientação sexual é homossexual. De personalidade tendente mais à introspectividade, bem como é uma pessoa considerada calma.

Marcelina: É a caçula da família, com o índice corporal acima da média, olhos castanhos escuros, cabelos castanhos escuros de corte rente aos ombros. Sua estatura pode ser considerada entre baixa e média. É uma pessoa “falante”, tende a ser vista como extrovertida, em certos contextos até desinibida.

Procedimentos

Para a construção das categorias de comportamento foram consideradas as cenas representadas na obra e os objetivos gerais e, principalmente, os específicos do presente artigo. Efetua-se com bastante cuidado e precisão a análise comportamental dos personagens do filme, delimitando algumas peculiaridades e a individualidade enquanto indivíduo social, ajudando na compreensão da descrição e análise das cenas descritas logo adiante. Após a apresentação dos personagens, virão as descrições das cenas, correlacionado seus comportamentos com as categorias de comportamento observadas.

Foco e Preocupação com as Demandas da Casa: Ocorre quando a mulher fica bastante focada na preocupação com as demandas da casa e dos filhos, mesmo longe deles. Podendo chegar a ser às vezes caracterizada como excessiva ou até mesmo obsessiva. Logo, há uma centralidade ampla de tais demandas, nesse sentido, pode-se dizer que demais demandas passam a ser ou ficam, de certa forma, invisibilizadas ou pouco levadas em consideração ao longo do tempo. Nesse sentido, pode-se complementar afirmando que é quando a pessoa assume responsabilidades de forma intensiva e realiza tarefas em prol da família e seu ambiente (casa). Havendo até mesmo a ausência de uma divisão entre a família de tarefas,

muitas vezes em decorrência da “necessidade”, mesmo que inconsciente, que uma das figuras tem de prover e servir à família.

Superproteção e o Controle Exercido pela Mãe em relação aos filhos: Referente ao papel controlador exercido sobre os filhos pela mãe, com intuito de proteção, porém apresentada de maneira excessiva, ou seja, limitando fortemente a independência, crescimento e/ou tomada de decisão de suas proles. Tal controle tem relação com imposições e restrições. A título de exemplo, tem-se desde a opção de vestimentas a serem usadas pelos filhos e alimentos a serem ingeridos, até locais frequentados, horários das atividades e a seleção de amizades. Também é possível observar essa superproteção a partir de uma visão dentro do conhecimento psicanalítico sobre o narcisismo primário. Este conceito explica que, o sujeito no seu processo de constituição e identificação do eu, necessita da identificação com o outro, buscando traços do outro em si. Numa dimensão em contemplar o desejo do outro para se sentir amado. Dessa forma, ocorre o investimento da libido que a mãe coloca em seu filho, constituindo o que vem a ser o narcisismo primário, o qual o sujeito que investe, deseja ser tudo para o outro.

Resultados e Discussão

Nessa seção do artigo iremos descrever as cenas do longa-metragem *Minha Mãe é Uma Peça*, relacionando-as com as categorias de comportamento apresentadas anteriormente e realizaremos análise do conteúdo articulando com referências da literatura.

Foco e Preocupação com as Demandas da Casa

Descrição:

“Café tá pronto! vambora.” — Disse Hermínia para Marcelina e Juliano enquanto se direcionava à cozinha com um chihuahua na mão direita — “Anda logo com esse café da manhã, gente. Seu pai tá chegando”. Juliano e Marcelina estão sentados à mesa, Marcelina fala “Oh mãe, cê tá comprando pouco presunto”. “Cê deu sorte que

eu comprei, minha filha. Esse é o próximo que eu vou cortar da lista. Cê não tem vergonha não, minha filha? Imensa de gorda querendo mais presunto ainda”. — Falava enquanto arrumava alguns itens na pia de louças. Pegou duas sacolas plásticas e jogou no lixo e depois jogou o chihuahua também —. Marcelina se levanta rapidamente em direção ao lixo para pegar o cachorro “Mãe, cê jogou o Átila na lixeira!” “Ai meu deus, tira!” Respondeu Hermínia com tom de voz elevado. Estava com a porta da geladeira aberta, observando seu interior. “Gente, cadê papai, hein? Tá demorando” — disse Juliano colocando açúcar no café — “Teu pai nunca chegou na hora pra nada na vida. Que até pra casa eu cheguei primeiro que ele na igreja! Eu hein” Respondeu Hermínia enquanto se direcionava a uma prateleira atrás de Juliano. Estava organizando uns potes à vista.

Nota-se que o exposto se relaciona com as colocações de Cozer (2013), Halasi (2018)

e Tourinho (2006), enquanto os autores apontam que a mulher, ao se tornar mãe, tende a abraçar o propósito de “dar conta de tudo” mesmo que isso acarrete abandono da subjetividade em prol das demandas da casa. Isso é demonstrado pela inquietação de dona Hermínia durante toda a cena descrita.

Abre a geladeira, mas não pega nada de fato; organiza a prateleira que já estava organizada, todos esses comportamentos surgem em forma de uma afirmação a si mesmo de que ela está sendo uma boa dona de casa e logo, está sendo uma boa mãe. Em Carneiro & Daróz (2017) temos uma normalização desse foco direcionado aos filhos e as tarefas domésticas, nesse sentido, podemos perceber que Hermínia não se senta para tomar café junto aos filhos, as responsabilidades da casa viriam em primeiro lugar. Ademais, o fato de ter jogado o cachorro no lixo representa a sobrecarga que Hermínia sofre ao longo do dia, conversando com a ideia de Arteiro (2017), segundo este, a experiência materna é um processo psicossocial que apresenta uma sobrecarga para as mulheres.

Assim como na cena anterior, a cena descrita a seguir demonstra como dona Hermínia não percebe a sobrecarga que seu papel como mãe representa. Para ela, o excesso de tarefas em casa e a preocupação com os filhos seria um atributo natural a uma boa mãe.

Descrição:

Carlos Alberto entra na cozinha onde se encontra Hermínia. Ele se aproxima dela “Hermínia” — Agora, eles estão posicionados um em frente ao outro. “Que que é Carlos Alberto? É segundo round agora?” “Eu acho que eu te devo desculpas” “ih, Carlos Alberto” — disse Hermínia, mexendo com a mão direita em uma mecha do cabelo, movimentando a cabeça e revirando os olhos. “Sei perfeitamente que não fui um bom marido. Eu também não sou o melhor pai. Enfim, eu quero que você saiba que, apesar de tudo, eu gosto muito de você” - Hermínia olha fixamente para Carlos Alberto fazendo movimentando a cabeça pra esquerda e pra direita. “Carlos Alberto, deixa eu te falar uma coisa, você foi um ótimo marido, você é um ótimo pai, as crianças te adoram, tá tudo certo” — Falou gesticulando as mãos em um tom elevado. “Mas a sua parte é muito difícil” “A minha parte não é difícil não, Carlos Alberto. A minha parte é mole. A minha parte é o quê? É ir no supermercado, aí compra um troço, aí volta, aí tem uma louça pra lavar, vai tem um tanque aí vê que esqueceu o negócio no mercado, volta... a minha parte é difícil sim!” — disse movimentando a cabeça e gesticulando as mãos.

Tendo em vista esta cena, infere-se que a responsável pela organização e cuidados da casa é a Dona Hermínia. Há outras cenas que evidenciam Hermínia como principal encarregada pela casa, como a parte em que quando ela sai de casa os filhos ficam sem comida - evidenciando que ela era quem fazia as compras do supermercado. Nesse sentido, o trecho do filme possibilita consonância com o exposto por Rapoport & Piccinini (2006), os quais colocam que a sociedade fortemente marcada pelo patriarcalismo e machismo normatizam a sobrecarga sobre o papel de mãe quanto à criação dos filhos. Ademais, partindo do exposto por Scavone (2001), nota-se que os cuidados pelos quais Hermínia é responsabilizada partem de uma construção social histórica, que envolve ainda política e cultura.

Outrossim, Tourinho (2006) acrescenta que atrelado ao papel da mulher enquanto mãe existe a ideia de que esta deve demonstrar ser uma “boa mãe”, dedicando-se aos filhos ao máximo, sendo então conveniente que esta tenha de renunciar a certas coisas e desejos. Desse modo, o foco e preocupação com as demandas da casa presentes nas atitudes de Dona Hermínia decorrem de uma historicidade, em que há a normalização quanto ao assumimento de muitas tarefas domésticas e de cuidado pela mãe.

Superproteção e o Controle Exercido pela Mãe em relação aos filhos

Além dos aspectos descritos acima, encontra-se como viés de análise o narcisismo, logo após a descrição da cena abaixo, tem-se uma explicação psicanalítica com o objetivo de explicar o comportamento de superproteção da mãe para com os filhos.

Descrição:

Dona Hermínia está vestida com uma camisola amarela com flores vermelhas e bobes na cabeça. Se encontra na sala do seu apartamento. As paredes são brancas, há um quadro de flores à sua direita, acima de uma cômoda com fotos e jarras decorativas. Atrás dela, na parede, há um espelho pequeno, redondo e logo abaixo do espelho uma mesinha com uma jarra decorativa. À sua esquerda, há um quadro de paisagem que está ao lado de uma luminária de parede e a mesma está posicionada acima de um rack, contendo em sua superfície uma jarra de flores, sem flores. Com sua mão esquerda está segurando o teclado do telefone fixo e com a direita está pressionado o gancho na sua orelha direita. Conversa com Marcelina com gesticulações no rosto. “Marcelina, não tem boate nenhuma, não tem noitada nenhuma, não tem — aumenta o tom de voz — noitada! Marcelina você ... vem pra casa agora não ataca minha disritmia. Não têm shop, não tem nada — Fala balançando a cabeça de um lado para o outro — Porque eu não quero. Porque não. Porque não é... resposta sim — tom de voz demorado, levanta e abaixa a cabeça — porque não. Porque eu sou maluca! — tom de voz aumentado, inclina o corpo pra frente e se abaixa um pouco — Vem pra casa. Não quero você aí. Ah me desacata, desliga esse telefone na minha cara pra cê vê se eu não apareço nessa boate de camisola! Não têm shop — levou o corpo para baixo novamente — não tem nada. Você..” — Vira-se para trás enquanto coloca o gancho no telefone, o posicionando em cima da mesinha, verbaliza para Juliano: “Vambora, eu vou atrás dela — diz isso enquanto caminha em direção a porta de entrada do apartamento — Vem Juliano!” — aumenta o tom de voz —. Juliano se encontrava no corredor. As paredes possuem tons marrons com luminárias e pinturas expostas. Nas laterais, mesinhas com fotos e decorações. Ele vestia uma camisa listrada vermelha com branco e uma calça caqui com cinto preto e sapato da mesma cor. Ele apressa o passo para alcançar a mãe na porta do apartamento enquanto verbaliza: “Mãe! Mamãe cê tá de camisola, amor!” — da porta, gesticula a mão ao contorno do corpo da mãe enquanto ela já está em frente ao elevador. O corredor do prédio tem paredes em tons amarelo e as portas dos apartamentos e do elevador são em madeira — Hermínia responde na sequência com o tom de voz elevado: “Não interessa! Cê acha que vou me arrumar pra dar na cara de Marcelina?” Entrou no elevador, Juliano sai do apartamento, fechando a porta, e diz para a mãe: “Pera aí!”.

Com base na perspectiva dos estudos sobre o narcisismo explicado por Freud, é possível observar que o comportamento de Hermínia, pode ser uma oscilação da sua

autoestima que visa em qualquer situação, chamar a atenção para si mesma, a fim de nutrir a sua própria imagem vulnerável e instável que disfarça a sua dependência emocional com os filhos em forma de “superproteção” (Sousa et al., 2019). Essa questão narcisista se trata da parte estrutural que constitui o sujeito e a sua identificação, o qual também está relacionado com fatores externos como a sobrecarga social sobre o papel de uma mulher acerca de como ser uma boa mãe, podendo influenciar e resultar no seu comportamento superprotetor, porque essa, investe todo o seu libido e autoerotismo em um objeto (podendo ser os filhos ou trabalho). Sendo a libido a economia da energia da pulsão sexual regida pelo prazer, este que conserva sua energia no “interesse”, a serviço do eu com o outro, sendo parte do narcisismo primário, no qual, a mãe faz com que o filho se sinta amado e desejado. Por conseguinte, quando esse investimento prossegue apenas na preocupação de servir e de estar de prontidão para o outro, ocorre o narcisismo secundário que resulta no se tornar o centro do mundo para o objeto de investimento da libido (Garcia-Roza, 1995).

Dessa forma, com base na descrição da cena sobre o comportamento de superproteção de Hermínia em relação à filha, mostra como o excesso de preocupação pode ser entendido com base na sua subjetividade narcísica como um sujeito, porém, voltado a filha que está apenas se divertindo em uma festa, em forma de proteção gerando conseqüentemente um excesso do mesmo.

Tendo em vista esse viés narcisista, e com o objetivo de complementar a percepção psicanalítica abordada acima, a seguir tem-se mais uma descrição, porém, aqui fez-se necessário uma percepção coletiva e analítica sobre a cena em específico para que se tenha uma compreensão da categoria de comportamento.

Descrição:

Hermínia está na cozinha colocando louça no escorredor que se encontra à sua direita. Utiliza um vestido em tom amarelo-escuro com a estampa de flores vermelhas

e bobes coloridos na cabeça. Está de frente para a pia; o fogão a esquerda, a geladeira à direita com os armários em tom azul bebe. Ela se vira em direção a mesa que está atrás dela, e visualiza a bombinha de asma do Juliano na superfície. Seca as mãos em um pano de prato enquanto fala para si mesma: “Hmm esqueceu o remédio da asma. Só não esquece a cabeça porque tá colada no corpo”. Segue em direção ao telefone fixado na parede; segura o gancho com sua mão direita e digita os números com a esquerda; o telefone de Juliano toca. Este encontra-se no conversível vermelho de seu pai — que dirige — no banco de trás, junto à Marcelina e a madrasta Soraya no banco da frente. Ele mostra a tela do celular para Marcelina e fala: “Ih gente, mamãe ligando”. Soraya responde “Já, gente?!”, Juliano atende a chamada “Oi, mãe” “Pode voltar pra casa, esqueceu o remédio da asma” “Mãe, mãe tô respirando bem, mãe. Fica tranquila. Não, não preciso do remédio não, tá?” — todos no carro movimentam as articulações do rosto — “Ai meu deus, mas vai que tem uma crise e morre. Como é que faz?” — diz isso enquanto gesticula com o braço direito - “Relaxa, mãe! Não vou ter crise nenhuma não.” Nesse instante, Soraya levanta a mão esquerda, contendo uma bombinha de asma. “Até porque aqui no carro de papai, sempre tem uma bombinha sobrando aqui, tá? ... isso..cê..tá bom, bri..tá...beijo”.

De acordo com a cena, podemos perceber que as características da personagem de D. Hermínia são determinantes e importantes para o equilíbrio funcional relacionadas à maternidade e outras funções do “ser mãe”. Referindo-se à mãe "bom o suficiente" Winnicott (1980) tem outras funções, porém, dedica-se aos filhos de forma "ordinária" e adequada. Uma mãe lembra-nos que, se uma mulher não se realizar de outras maneiras, ela começará a exigir dos filhos. A diferença é que dessa forma, a transferência de Dona Hermínia para com os filhos se dá através de expectativas relacionadas a outras áreas de realização feminina. Portanto, é preciso que se tenha um equilíbrio entre a função materna e outras vivências. Todavia, o que vemos nesta cena, é uma dificuldade da parte de Dona Hermínia em separar estas particularidades.

Outrossim, nesta cena em específico, é compreensível o autocuidado de Dona Hermínia para com os filhos; levando em consideração alguns aspectos e principalmente com a notícia que ouviu dos seus filhos (Juliano e Marcelina), dado que ela é uma mãe que vive para seus filhos, dona de casa, onde essa realidade é vista por parte da sociedade como o mundo “real” de muitas mulheres. A prioridade para Dona Hermínia é sempre a educação dos seus filhos, procurando estabelecer regras de convivência e cobrando atitudes desses – um

exemplo é quando Juliano esquece em sua moradia o remédio de asma. O pai (Carlos Alberto) não é muito presente na vida dos filhos, ele está presente nos horários de visitação, geralmente aos finais de semana, como   mostrado na cena, há um tempo definido pela mãe em que Juliano e Marcelina podem ficar com o pai para as atividades de lazer. Por conseguinte, Colling (2004) afirma que as mulheres, caracterizadas pela natureza, emo o, amor e intui o, estão destinadas a entrar no espaço privado; os homens – cultura, política, razão, justiça, poder, público. Essa dicotomia constitui uma oposi o desigual entre homens e mulheres, indicando sua subordina o aos homens numa ordem aparentemente universal e igualitária.

Em suma, a ideia de co-parentalidade reflete no exercício da fun o materna, portanto, D. Hermínia acaba representando esse lugar feminino de superprote o para com os filhos, dedicando-se quase que inteiramente aos filhos e a casa.

Considera es Finais

Por meio da análise da obra *Minha Mãe   Uma Peça*, evidenciou-se que   atribuída   mulher muitas tarefas ao se tornar mãe, contribuindo para uma transforma o psíquica na vida desta que passa a se preocupar demasiadamente com o seu papel em rela o aos filhos e as demandas da casa. Conclui-se que a sociedade contemporânea influencia diretamente nos estigmas do que seria uma “boa mãe”, a mulher   aquela que deve servir o marido aos filhos e a casa, que não deve trabalhar para se voltar integralmente ao bem-estar de sua família. Mas quem cuida do bem-estar dela? Os questionamentos contidos no presente artigo, acerca do que   atribuído   mulher durante a experiência da maternidade, tem sua importância para o entendimento da sobrecarga sofrida pelas mulheres na cria o dos filhos e cuidado da casa.

O longa-metragem possibilita ver a mulher na atualidade, as rela es afetivas dentro e fora do ambiente familiar em seus respectivos arranjos e desdobramentos sob as atribui es

referentes às implicações impostas à mulher na sociedade. Por conseguinte, o filme exige que o espectador tenha senso crítico e responsabilidade para refletir sobre questões relacionadas a sobrecarga entre o papel da mulher — aquele que é aceito e considerado padrão — e sua relação a maternidade, por meio disso passamos a entender as relações dos personagens, como se organizam e a discussão dos padrões comportamentais apresentados na obra de Paulo Gustavo.

Além disso, abordar este tema é de suma importância para aprofundar-se na origem de tal opressão, buscando formas de intervenções benéficas para que futuras mães não passem por esse processo de extrema preocupação com seu papel desempenhado. Em relação às intervenções, estas podem ser feitas junto a psicólogos, a psicoterapia, por exemplo, pode contribuir no desenvolvimento da mulher e sua maternidade, propiciando uma melhor saúde mental, tendo em vista a promoção de uma relação saudável consigo, suas ambições e limites. O profissional da psicologia pode ainda corroborar ao prestar orientação e ensinamento a população em geral acerca do papel de mãe, no intuito de evidenciar e objetivando findar o estigma de “boa mãe”. Aliás, podem também agregar no desenvolvimento de políticas públicas que as beneficie, haja visto que ao exercer sua profissão podem coletar dados, o que pode ajudar no destino da criação de programas de amparo e redes de apoio e cuidado.

É necessário que esta temática seja discutida dentro e fora da psicologia, pois ao debater haverá um movimento que propicie à sociedade mais conhecimento, responsabilidade e consciência sobre o papel da mulher na sociedade. Logo, partindo da ciência do fato, mais pesquisas no âmbito acadêmico podem ser iniciadas, de modo a contribuir na criação de propostas de intervenção e as reflexões por parte da população em geral podem inclusive beneficiar o desenvolvimento dessas e acelerar o processo de desconstrução do estigma.

Ademais, na análise da obra *Minha Mãe é Uma Peça*, ocorreu a proposta de desenvolvimento do senso crítico em relação às ideias e conceitos demonstrados. As

considerações a respeito do filme não terminam por aqui. Traz-se conceitos não somente para serem lidos e debatidos, mas para que tenhamos o dever de refletir sobre eles. Falar sobre família, romantização e experiência da maternidade, relações sociais e o conceito da mulher contemporânea é extremamente necessário, pois dá aos outros a oportunidade de analisar o senso comum da sociedade e o que a mídia tem a dizer sobre modos de ser e maneira de ser mulher na sociedade contemporânea.

Foi necessário o amadurecimento de ideias e conceitos, tendo em vista a necessidade de colocações mais explícitas por meio da análise da personagem principal – Dona Hermínia –, observando que ela representa a mulher e mãe na sociedade contemporânea pela forma como se comporta, sua família, suas responsabilidades e preocupações atendem às expectativas de uma mãe no contexto da sociedade atual, ainda que desempenhe outras funções que não a maternidade ou dona de casa. Ou seja, não estamos falando especificamente de um único sujeito, mas de uma mulher que representa milhares de outras mulheres, através das suas vivências, subjetividade e amor pelos filhos.

Pode-se observar também que, o comportamento superprotetor da mãe com os filhos, têm uma dimensão narcísica, porque está muito atrelado ao desejo da mãe. Esta tem para si a preocupação de proporcionar o melhor para os filhos, na educação, no espaço onde vivem – por vezes cuidando mais da casa do que de si mesma –, na alimentação, e na vida pessoal. Tendo tais preocupações como o ideal do que é ser uma “boa mãe”, submetendo seus filhos a um desejo e ideal que ela sempre busca alcançar. Por outro lado, é importante ressaltar a ausência de uma figura e presença paterna, pois isso contribui para a sobrecarga do “ideal do eu”, fazendo com que ela se prenda ao “eu ideal” do seu papel como mãe, por vezes, se dedicando mais aos filhos, do que a si.

No decorrer de todo o processo, verificou-se que as transformações da subjetividade feminina e do conceito de maternidade possuem aspectos culturais e sociais. Além disso,

destaca-se que o exercício da maternidade e o ser mulher merecem total respeito. Dona Herminia, nos mostrou, nos emocionou e principalmente nos ensinou valores e princípios de uma família que está longe de ser considerada uma família tradicional brasileira. *Minha Mãe é Uma Peça* celebra a diversidade e seu sucesso nos cinemas e nas plataformas de *streaming*, demonstram a identificação que as pessoas tiveram para com o filme e seu enredo.

Por fim, espera-se que assim como no filme, em que a configuração familiar, sua dinâmica, o respeito, compreensão e aceitação presentes apresentaram mudanças em relação à uma figura mais tradicional dessa, o papel da mulher enquanto mãe seja também afetado por modificações, de modo a reduzir a incidência do estigma. Além disso, tais alterações na figura e desempenhos maternos podem ainda contribuir para uma relação mais saudável da mulher com si, a casa, família e ambições e, nesse sentido, proporcionando uma melhor qualidade de vida e saúde mental.

Referências

- Arteiro, I. L. (2017). *A Mulher e a Maternidade: um exercício de reinvenção* [Tese de Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco].
- Azevedo, R. A. (2017). “*Amo meu filho, mas odeio ser mãe*”: *Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea* [Monografia de Especialização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163940/001025591.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Badinter, E. (1980). *O Amor Incerto*. Relógio D'Água.
- Barroso, A. F. (2012). Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. *Barbaroi*, 36, 152-153.

- Boris, G. D. J. B., & Cesídio, M. H. (2007). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista mal-estar e subjetividade*, 7(2), 451-478.
- Carneiro, C., & Daróz, E. P. (2017). Bela, recatada e do l/bar: o imaginário da mulher na contemporaneidade. *Letras Escreve*, 7(1), 185-201.
- Colling, A. (2004). A construção histórica do feminino e do masculino. In M. Strey, S. Cabeda, & D. Prehn (Org.), *Gênero e cultura: questões contemporâneas* (pp. 13-38). EDIPUCRS
- Cozer, P. M. (2013). *Maria Monforte: perspectivas feministas e estereotipia* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra].
- D'Ávila Neto, M. I. (1980). *O Autoritarismo E A Mulher: O Jogo Da Dominação Macho-Fêmea No Brasil*. Achiamé.
- Farias, A. A. N. (2014). A construção da subjetividade feminina presente em 'Mrs. Dalloway' de Virginia Woolf e na poesia de Adrienne Rich. *O guarani*.
- Folino, C. D. S. G. (2014). *Sobre dores e amores: caminhos da tristeza materna na elaboração psíquica da parentalidade* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Garcia-Roza, L.A. (1995). *Introdução à Metapsicologia Freudiana – 3*. Editora Zahar.
- Halasi, F. S. (2018). *A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2010). Adaptação ao divórcio e relações coparentais: contributos da teoria da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 562-574.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Tradução Maria Lucia Machado. Companhia das Letras.

- Machado, A., C., Silva, C. C., Melo, S. L. M., & Silva, A. M. B. (2020). Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. *Psicologia Argumento*, 38(99), 66-87.
- Marcello, F. A. (2005). Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. *Educar em Revista*, 26, 81-98.
- Pellenz, A. (Diretor). (2013). *Minha Mãe é Uma Peça: O Filme* [Filme]. Migdal Filmes.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio Social e Experiência da Maternidade. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 85-96.
- Scavone, L. (2001). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, (16), 137-150.
- Sousa, A. P. S., Falleiro, A., Hereck, G. B., Coque, K. E., Sabiar, L. L., & Romão, M. E. P. (2019). Contribuições da psicanálise sobre as mães superprotetoras e o desenvolvimento de seus filhos. *Encontro Internacional de Produção Científica XI*.
- Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 111-121.
- Tourinho, J. (2006). A mãe perfeita: idealização e realidade. *IGT na Rede*, 3(5).
- Winnicott, D. W. (1980). *A família e o desenvolvimento do indivíduo*. Interlivros,